

# O Lloyds desapontado com o Brasil

por Celso Pinto  
de Londres

Os atrasos nos pagamentos de juros, especialmente do Brasil e da Argentina, obrigaram o Lloyds Bank a fazer novas provisões para perdas, de 66 milhões de libras esterlinas (US\$ 118,8 milhões), no primeiro semestre deste ano.

"Esperamos retomar conversações com o governo brasileiro logo", disse o presidente do Lloyds, Sir Jeremy Morse, numa conversa com jornalistas, depois de anunciar os resultados do banco. "A ministra (da Economia) Zélia (Cardoso de Mello), quando esteve aqui (há 12 dias), disse que as conversas (com os bancos) poderiam ser reabertas em setembro", lembrou. O Lloyds é vice "chairman" do comitê assessor dos bancos para a dívida brasileira (ver página 22).

Sir Jeremy declarou-se "muito desapontado" com a recusa do Brasil de pagar os juros atrasados "especialmente porque tem condições de pagar", e argumentou que as negociações não irão muito longe sem um acerto em relação aos atrasados. De todo modo, classificou de "muito encorajadores" os resultados do Plano Collor, fruto de "um enorme esforço" e da "maravilhosa coragem" com que está sendo implementado.

J. Anthony Davies, gerente-geral da Divisão Internacional do Lloyds, acha que o interesse de reiniciar rapidamente uma negociação não é só dos

bancos credores, mas também do Brasil. "Quanto mais se acumulam atrasos, mais difícil fica a negociação", sustenta.

Além disso, Davies argumenta que o Brasil poderá ser prejudicado nas suas linhas comerciais de curto prazo. Não houve ainda cortes expressivos de linhas, mas ele diz ter havido encurtamento de prazos e mais rigor nas exigências. "Alguns bancos passaram a exigir garantias colaterais em dinheiro para conceder créditos comerciais", disse ele, sem nomear quais seriam estes bancos.

Davies está mais pessimista do que Sir Jeremy em relação às chances de sucesso do Plano Collor.

(Continua na página 28)

*Michel Camdessus, diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI) está liderando a primeira missão da instituição a visitar Moscou. O objetivo é avaliar a economia soviética, conforme pedido dos principais países industrializados para provavelmente montar um pacote de ajuda ao país. Para a URSS este é o primeiro passo para ingressar no FMI.*

(Ver página 2)

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

# O Lloyds desapontado com...

por Celso Pinto  
de Londres

(Continuação da 1ª página)

Tampouco imagina que os bancos credores aceitem incluir a maior parte dos juros atrasados numa renegociação da dívida. Ele está indo na próxima semana à Argentina e ao Brasil para conferir de perto a situação dos dois países.

Apesar das provisões para perdas com juros não pagos pelo Terceiro Mundo, a dívida externa foi um problema muito menor neste ano para o Lloyds do que no ano passado. Contudo, uma sensível piora nas condições dos créditos internos na Grã-Bretanha impediu que o Lloyds aumentasse substancialmente seu lucro.

O lucro no primeiro semestre, antes do Imposto de Renda, foi de 408 milhões de libras (US\$ 680,3 milhões), substancialmente superior aos 93 milhões de libras obtidas na primeira metade do ano passado. No entanto, considerando o lucro antes do IR e das provisões para perdas (que foram altíssimas em 1989), os resultados são menos impressionantes. No primeiro semestre de 1989, por este critério, o lucro foi de 697 milhões de libras (US\$ 1,162 bilhão) e ele cresceu apenas 2%, para 711 milhões, neste ano.

O Lloyds é o quarto maior banco britânico em ativos, embora seus resultados tenham sido, nos últimos anos, bem melhores do que o terceiro maior banco, o Midland Bank. O Midland, por sua vez, é o banco britânico com maior carteira de empréstimos ao Terceiro Mundo, seguido pelo Lloyds.

A carteira do Lloyds de empréstimos ao Terceiro Mundo foi reduzida em apenas 2,9% no último semestre, para um total de 4,121 bilhões de libras (US\$ 7,4 bilhões). O Brasil é o maior devedor do banco com um total de 1,013 bilhão de libras em junho deste ano (US\$ 1,82 bilhão), inferior em 3,2% ao total de dezembro último.

O balanço do Lloyds revela que o banco, no primeiro semestre, vendeu 43 milhões de libras em ativos de países de alto risco, sofrendo um prejuízo de 35 milhões de libras (US\$ 75,2 milhões, ou seja, com um altíssimo deságio de 82% sobre o valor de face dos empréstimos). Mesmo tendo que colocar algum dinheiro novo na Venezuela e Colômbia, o Lloyds conseguiu fechar o semestre com um nível de provisões para perdas com países ligeiramente superior ao de dezembro: elas passaram de 72 para 73% em relação ao total, e de 83 para 84% apenas sobre empréstimos de médio e longo prazo.

O Lloyds fez gigantescas provisões para perdas no Terceiro Mundo no ano passado. Apenas no primeiro semestre foram 483 mi-



Sir Jeremy Morse

lhões de libras (US\$ 845 milhões comparáveis a 66 milhões neste ano). Sir Morse acha que o banco não precisará mais fazer provisões para cobrir o principal destes empréstimos. "Nós colocamos este problema para trás", definiu.

Em contrapartida, o banco, que havia feito provisões para perdas na Grã-Bretanha de apenas 60 milhões de libras na primeira metade de 1989, teve de aumentá-la em 190 milhões de libras neste ano. A recessão, que começou a mostrar sua face na economia britânica no segundo semestre do ano passado, tem provocado algumas grandes falências e deteriorado, de forma geral, as condições de crédito.

Sir Morse é o principal executivo do Lloyds, Brian Pitman, no entanto, dizem que o centro dos problemas, para o banco, não esteve com as grandes empresas, mas com as de porte médio. Neste sentido, a crise atual tem características distintas da recessão do início dos anos 80 na Grã-Bretanha. Naquele período, grandes grupos sofreram sérios problemas. Exatamente por isso, argumentam ambos, muitos deles sanaram sua situação e estão mais aptos a enfrentar a crise atual. Médias empresas que cresceram rapidamente, nos últimos anos, várias delas recorrendo a forte endividamento, têm sido mais afetadas pelos altos juros e pelo decréscimo no ritmo de atividades.

O Lloyds, como outros grandes bancos, procurou ser mais cauteloso com seus negócios no primeiro semestre. O total de ativos, por exemplo, caiu 3%, para 56 bilhões de libras (US\$ 98 milhões). De todo modo, a receita total aumentou 8%, para 1,92 bilhão de libras (US\$ 3,2 bilhões) e a posição relativa do capital foi reforçada.

No balanço, Sir Jeremy saúda o que classifica como "recuperação bem-vinda dos resultados, depois das fortes provisões, no ano passado, para a dívida do Terceiro Mundo". Se o Terceiro Mundo preocupa menos, contudo, ainda não há razões definitivas para comemorações. A vida ficou mais difícil para os bancos no mercado interno e os problemas não vão melhorar tão cedo neste front.